

O Poder de 1 professor, 1 Líder

## Busque sempre o melhor

Ele me ensinou a sonhar alto, fosse com o teatro, as garotas ou a vida *Por JIM BELUSHI*

**N**osso primeiro encontro não foi exatamente como eu esperava. Aquele homem de cabelos grisalhos emaranhados, xingando e batendo o martelo contra a parede, estava construindo algo, mas uma das peças de madeira não encaixava. Aluno do secundário à procura da programação teatral de verão, eu me encontrava na lanchonete do DuPage College e me perguntei: *Quem é esse sujeito?*

Era Richard Holgate, diretor técnico do departamento de teatro do DuPage, o homem que mudou minha vida. Eu amava minha mãe e meu pai, mas seus valores eram muito simples para mim e meu irmão John: "Só não seja um vagabundo", meu pai



repetia. Richard Holgate me impulsionou. De um menino desorientado e travesso ele me transformou em um homem centrado, ensinando-me



**Antes da fama** – Belushi (foto maior) e Richard Holgate, seu mentor e amigo.

## Meu tipo inesquecível

a levar a sério aquilo que realmente importava para mim: o teatro e o cinema.

Ao terminar o secundário, matriculei-me no DuPage College, uma faculdade de dois anos em Glen Ellyn, Illinois. Naquele tempo, o Sr. Holgate (só recentemente comecei a chamá-lo de Richard) era o diretor do departamento de teatro e me elegeu seu assistente técnico. Empenhado em me dar uma boa formação teatral, insisti que eu trabalhasse como contra-regra.

Eu não atuava nas peças, mas construía os cenários, muitas vezes com ele a meu lado.

Seu plano era sempre o mesmo: ele queria o melhor para seus alunos. Por exemplo, quando mais jovem, eu fazia pequenos furtos em lojas. Confessei ao Sr. Holgate que estava roubando tabletes de manteiga da lanchonete da faculdade. “Se você não tiver dinheiro, não pegue”, disse ele. “Não é uma questão de dinheiro para você, é uma questão de emoção. Você quer emoção? Então faça a iluminação deste espetáculo.”

Nunca mais roubei.

Juntei-me à equipe de oratória, e logo de início o Sr. Holgate me ajudou a conseguir um bonito terno para as competições. Não que minha família fosse pobre; eu não

tinha terno porque nunca precisara de um. O Sr. Holgate resolveu o problema.

Nos fins de semana, ele fazia trabalhos de reforma nas casas dos professores do DuPage e eu costumava acompanhá-lo para dar uma ajuda. Ele jamais aceitou um tostão

pelo trabalho, e sempre dizia: “Eu conheço os professores. Com o salário que ganham, o dinheiro não dá para reformas.” Quando as pessoas faziam questão de lhe dar algo, ele sugeria: “Dê ao Jim.” Em uma das casas, o dono tirou um antigo terno azul do porão. Com o dinheiro que ganhei em outra casa, comprei uma camisa e

---

Na rua,  
ele me fazia  
apanhar uma  
garrafa ou  
um papel no  
chão e jogá-  
los no lixo.

---

uma gravata. No meu primeiro concurso usando o traje, tirei o primeiro lugar.

O Sr. Holgate era uma figura paternal, um mentor e um amigo. Não era de abraçar, mas demonstrava seu amor me fazendo trabalhar com afinco e me dando responsabilidades. Seu objetivo era elevar meus padrões, em todos os sentidos. Quando caminhávamos pela rua, ele me fazia apanhar uma garrafa ou um pedaço de papel e colocá-los no lixo. Ainda hoje, quando passeio com meu cachorro, não consigo deixar lixo na calçada.

Ele nunca censurava as próprias palavras. Nas reuniões da faculda-

## Meu tipo inesquecível

de, reagia com franqueza a uma idéia que não lhe agradava: “Isso é um monte de besteiras!”

Na sua aula de Cinema e Literatura, brigávamos o tempo todo. Ele gostava de Ingmar Bergman e eu, do personagem de Rod Steiger em *Sindicato de ladrões*. Ele dizia: “Jim, você representa a mediocridade.”

Eu achava sua honestidade revigorante. O tempo todo ele me impelia a ir mais fundo. Hoje digo o mesmo que ele me dizia.

Do DuPage fui para a Southern Illinois University estudar discurso e teatro, e depois entrei para uma companhia teatral, na qual me tornei ator profissional. O Sr. Holgate estava presente às minhas estréias em Chicago, a 50 quilômetros de Glen Ellyn, o que, para ele, era muito, pois nunca viajava (ia de bicicleta para a escola todos os dias). Ele não era de se deixar levar pelas emoções e não olhava muito as pessoas nos olhos. Eu sabia que estava contente com meu desempenho quando seu olhar se demorava um pouco mais em mim e ele dizia: “Muito bem.”

Naquele tempo, eu o visitava em sua casa; ele preparava salsichas e as servia com uma boa cerveja. Era quando eu via o seu lado mais

gentil. Sentávamos nas cadeiras que ele mesmo havia feito, escutávamos sua coleção de *jazz* e conversávamos, às vezes durante horas. Ele tentava me ajudar quando eu tinha problemas com as garotas: “Divirta-se, mas não se perca”, aconselhava. Nos últimos anos, falávamos a respeito de todos os conselhos sobre mulheres que eu não segui, e ríamos.

Hoje o Sr. Holgate está aposentado e vive em Wisconsin. Embora não nos vejamos muito, quando nos encontramos é como se tivéssemos nos visto ontem. Se tenho vontade de comer salsicha, ele vai imediatamente ao mercado e me manda algumas. Tento lhe enviar dinheiro por elas, mas ele nem quer ouvir falar nisso.

Outro dia, eu estava na cozinha com meu filho de 21 anos, Robert, que se queixava: “Você está sempre brigando comigo por eu não levar nada a sério.”

Eu disse a ele: “Não importa o que seja, mas está na hora de levar algo a sério.” Era a mesma conversa que eu tivera com o Sr. Holgate anos atrás. Robert acha que sou muito duro com ele, mas só quero que ele encontre sua paixão na vida e corra atrás dela. Foi o que o Sr. Holgate fez por mim.

—relatado a DIANE CLEHANE

## PONTO DE REFERÊNCIA



Meu filho de 11 anos quis comparar sua altura com a minha, e para isso ficamos de costas um para o outro. Quando nos viramos, ficando frente a frente, ele exclamou:

— Mãe, estou da altura da primeira ruga em sua testa!

—LORRAINE TRAPP, *EUA*